

## Capítulo XIV

Mais além do prazer: o gozo

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. Mais além do prazer: o gozo. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 225-245. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Capítulo XIV

# Mais além do prazer: o gozo

Compreendes por acaso que necessitamos de um pequeno excesso para existir? (SHAKESPEARE)<sup>1</sup>

*Quanto mais proibidos, mais desejamos*, teria afirmado Margueritte de Valois, a rainha Margot<sup>2</sup>. Stendhal faz referência à uma princesa que, ao saborear um sorvete, exclamou: “*Que pena não ser pecado!*”<sup>3</sup>.

Quanto mais houver interditos, mais existirá o desejo das coisas interdidadas, porque o desejo é uma consequência direta da interdição. Nasce da Lei da Cultura<sup>4</sup>, simbolizada pela expulsão do paraíso que interdita a felicidade plena, a completude – equivalente ao estado uterino. A mãe não pode reaver em seu ventre o filho que já pariu. Tampouco a criança poderá voltar ao útero, a não ser metaforicamente, enterrado na terra que simboliza a figura materna. Nesse sentido, é a tentativa de recuperação do gozo perdido que leva o sujeito a buscar, inconscientemente, situações que o levem à experiência de plenitude vivenciada no útero, em última instância, à morte.

Existe ainda um outro tipo de gozo que aproxima-se do êxtase experimentado pelos místicos, sendo de essência masoquista, como ilustram alguns exemplos citados por Beauvoir: Santa Angela de Foligno contava que bebia deliciada a água em que acabava de lavar as mãos e os pés dos leprosos e a considerava deliciosa. Quando um pedaço de pele escamada das chagas do leproso atravessou sua garganta, ao invés de rejeitá-la, fez esforços para engoli-la. Confessou a sensação semelhante à da comunhão e garantiu não poder exprimir as delícias em que se afogava<sup>5</sup>.

Beauvoir também citou outros casos: uma certa Maria Alacoque que limpava com a língua os vômitos de um doente. E descreveu a felicidade que sentiu quando encheu a boca com excrementos de um homem com diarreia. Catarina Emmerrich viu chegar-se a ela um jovem deslumbrante que lhe enfiou uma coroa de espinhos na cabeça, à qual ela almejava desde os 24 anos. Suas têmporas incharam, o sangue escorreu. Anos depois, em êxtase, ela viu Cristo de cujas chagas saíram raios como finas lâminas que fez jorrar sangue de suas mãos, pés e seio. Ela suava sangue, cuspiu sangue.

As visões relatadas por Santa Teresa mostram como seu corpo participava dos sentimentos que dedicava a Deus. A mística mencionava o dardo dourado que um anjo carregava e, de vez em quando, o mergulhava em seu coração e o empurrava até as entranhas. Nestas horas ficava inundada de amor divino<sup>6</sup>.

Vale citar a inveja do gozo do outro, ou seja, inveja do gozo alheio, provocada pela falta constitutiva do sujeito humano<sup>7</sup>, que o leva a desejar algo que não tem e onde supõe que o outro encontre prazer. É fácil observar nos anúncios publicitários, entrevistas etc., pessoas famosas mostradas, por exemplo, em suas casas, suas aspirações, despertando nos leitores e telespectadores o desejo de imitá-las, de chegar aonde elas chegaram.

## MANIFESTAÇÕES DO GOZO NA CONTEMPORANEIDADE

Pelo exposto, pode-se concluir que nem sempre a meta é fugir ao desprazer, e obter deleites. O prazer na dor e no sofrimento, a busca de situações perigosas e até mortais, foram assumidos por muitos, inclusive os jovens, segundo noticiaram algumas reportagens.

Além dos esportes radicais, da “roleta russa”, e do “pega”, causador de tantas mortes, um movimento suicida chamou atenção dos estudiosos do comportamento. Apelidado de *bareback* – palavra inglesa para designar quem monta cavalo sem sela –, consiste em manter relações sexuais sem a proteção dos preservativos, com o objetivo de contrair o HIV<sup>8</sup>. A Internet tem sido o principal ponto de encontro dos praticantes no Brasil.

O prazer mais livre, o sexo sem barreiras foram os motivos apontados. E o risco de contrair AIDS excitava seus adeptos. Alguns chegaram a admitir o desejo de serem infectados com o vírus<sup>9</sup>.

Em 17 de março de 2003, a revista *Época* anunciava o crescimento de uma tribo de jovens que faziam da dor um estilo de vida<sup>10</sup>. Alegando que a busca do prazer havia virado padrão, a turma do sofrimento acreditava que a dor seria a única maneira que restara para afirmar a vida sem se sentir igual a todo mundo.

A reportagem descreveu situações de risco e de sofrimento:

A cena acontece numa casa noturna de São Paulo. Ao som de música tecno, as pontas afiadas de um gancho são introduzidas sob a pele da moça, como se faz a uma peça de carne num açougue, com

cuidado apenas para não atingir os músculos. Parece uma cena de tortura, mas a pessoa que se submete a esse estranho ritual é voluntária – e diz que gosta, gosta muito. Cortes profundos, com objetivo de deixar na pele cicatrizes indeléveis, também fazem parte dessa síndrome.

O que se procura com essas torturas físicas é a adrenalina, uma emoção radical, a sensação do perigo e do proibido.

Na década de 70, os *punks* apelaram para o *piercing*, costume importado de culturas não-ocidentais. O *bungee jump*, um dos muitos esportes radicais da moda, surgiu nos anos 80, trazido da Ilha Pentecost, na Oceania, onde nativos se amarravam a cipós. A suspensão por ganchos fazia parte dos rituais de tribos americanas e indianas. Cicatrizes obtidas por cortes e queimaduras na pele são feitas durante cerimônias de iniciação de grupos africanos.

Em um dos programas de televisão mais assistidos nos Estados Unidos, há concursos para devorar lesmas e baratas. Muitos jovens experimentaram situações dolorosas e humilhantes para “ver como é”. Apesar da advertência do seriado “não tente fazer isso em casa”, ele provocou internações hospitalares e uma morte entre garotos que tentaram imitar os protagonistas. Dois atearam fogo ao próprio corpo e tiveram queimaduras de terceiro grau. Um rapaz de 17 anos morreu de traumatismo craniano ao saltar de uma caminhonete em movimento. Ainda segundo a reportagem, os jovens que cultivam e curtem a dor estão na faixa dos 20 anos, são da classe média, não deixaram ainda a casa paterna, têm instrução universitária, e se dedicam a profissões relacionadas às artes plásticas, *design*, moda.

Um estilista de 36 anos mandou implantar dois dentes caninos iguais aos de um vampiro, e espetou na testa agulhas de injeção, formando uma coroa de espinhos, alegando que sempre teve admiração por pessoas que carregavam chagas. Um promotor de eventos de 25 anos colocou *piercings*, queimou-se e alargou os lóbulos das orelhas, como os índios do Xingu, objetivando fazer o que quer com seu corpo. Uma garota de 24 anos ostentava duas marcas nas costas feitas com ferro quente. “É para mostrar que sou um anjo que perdeu as asas”, explicou. Já havia feito um corte vertical na barriga para ganhar uma marca semelhante a uma incisão de autópsia. Já havia passado 60 horas tatuando o corpo com manchas, tentando “ficar igual a uma vaca”. Para fazer um de seus trabalhos para a faculdade de Belas-Artes, pendurou um anúncio no mural da escola: “Precisa-se de corpos”. Aos 23 voluntários que se candidataram, ela pediu para lhe fazer cortes, com um bisturi, em alguma

parte do corpo, para tirar sangue, que foi usado para a confecção de uma gravura. Um estudante de 20 anos fez o *tongue-splitting*: cortou a ponta da língua ao meio, para que ficasse como a de uma cobra.

É interessante observar que o esforço físico e os sacrifícios despendidos para a obtenção do corpo ideal acabam se convertendo, para muitas pessoas, em sensação prazerosa. Depoimentos de 20 mulheres entre 40 e 50 anos, que freqüentam academias regularmente, garantiram que malhar, caminhar, correr, depois de instalado o hábito, lhes proporcionava imenso prazer<sup>11</sup>. Algumas academias têm se empenhado em oferecer atividades diferentes e motivadoras para incentivar a continuidade do programa e diminuir a resistência daqueles que desanimam por conta do sofrimento exigido ao corpo.

O sofrimento causa a produção de adrenalina no organismo, a mesma substância liberada durante um salto de pára-quedas ou um passeio numa montanha-russa. Após algum tempo, o corpo se defende produzindo endorfinas, substâncias que geram sensação de prazer. Há suspeitas de que a base dessas sensações é puramente química, podendo levar ao vício. Em situações de perigo e de luta, o corpo produz um coquetel de substâncias entorpecentes ou estimulantes. A adrenalina aguça os sentidos e melhora o rendimento muscular. A serotonina estimula a motivação, a energia e a atenção. Na redução da dor, age a endorfina, enquanto a dopamina regula e atividade motora e as emoções<sup>12</sup>.

Procurando explicar o fenômeno, Zago também se referiu às alterações cerebrais, talvez nas vias dopaminérgicas e serotoninérgicas, provocadas pelo sensação de prazer, à semelhança do que ocorre com dependentes de drogas psicoativas ou de pessoas com transtorno alimentar, que tendem sempre a aumentar o consumo dessas substâncias ou de se privarem de certos alimentos, especialmente carboidratos. O desgaste para sentir satisfação tornar-se-ia o propulsor de comportamentos de risco, os quais não são observados normalmente em outras espécies animais<sup>13</sup>.

Esta hipótese poderia ser uma explicação biológica para certos exageros nas formas de sentir prazer que implicam perigos para a saúde, sendo degraus para a morte.

Diversas culturas têm rituais em que pessoas desafiam a morte. As touradas servem de exemplo. Revistas informativas, cada vez mais antenadas com os sintomas do mal-estar contemporâneo, têm publicado com freqüência aspectos intrigantes do comportamento humano. Em 16 de julho de 2002, em

reportagem intitulada “Prazer e perigo”, assinada por Diogo Schelp, a revista *Veja* entrevistou especialistas em esporte e na área médica para esclarecer os leitores sobre a busca de prazer em situações perigosas. As interpretações variam. Da necessidade de provar a si mesmo que é possível vencer os próprios limites impostos pelo medo, ao desejo de exibição, valorização ou desejo inconsciente de morte.



## A EXPLICAÇÃO PSICANALÍTICA

Introduzimos o conceito psicanalítico de “gozo”, o prazer que leva ao sofrimento e à morte.

“Gozo” é definido pelo senso comum como prazer, fruição, deleite sexual, orgasmo.

A palavra designa também a posse ou uso de alguma coisa da qual advêm vantagens e interesses: entrar no gozo de sua fortuna; estar em pleno gozo das faculdades mentais, por exemplo.

O Direito diz que gozar de uma coisa é poder usá-la até o abuso – abuso que o Direito tem a ambição de regulamentar, limitando-o à fronteira do útil. No Brasil, também se refere a coisa engraçada<sup>14</sup>.

Em termos psicanalíticos, a concepção de gozo foi desenvolvida a partir da descoberta freudiana de que há um **mais além do prazer** buscado pelo ser humano. Assim como o conceito de ‘mais-valia’ marxiano que define a diferença entre o trabalho excedente e o trabalho necessário, o termo ‘mais-de-gozar’, para a psicanálise, indica o prazer excedente que se converte em desprazer e tem um caráter mortífero.

Uma frase de *O mal-estar na civilização* pode ser considerada um esboço para o conceito que seria mais tarde desenvolvido por Lacan: “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo”<sup>15</sup>.

Vimos que, nesta obra, Freud também apresentou a idéia de a instância psíquica que representa o domínio da Lei no psiquismo, ou seja, o supereu, às vezes se alia com a pulsão de destruição. Este funcionaria, então, como um imperativo categórico que ordena buscar prazer no sofrimento, empurrando para a morte.

Esta descoberta freudiana inspirou Lacan a recriar a expressão “gozo” como algo que não se deixa reduzir às leis do Princípio do Prazer, nem à autoconservação, nem a necessidade de descarregar a excitação. O Gozo se opõe à utilidade. Lacan nos disse que ele não serve para nada. O sujeito é capaz de gozar do que não lhe traz benefício algum, gozar até com o sofrimento<sup>16</sup>.

O psicanalista francês se posicionou contra a Ética aristotélica que defende a coincidência entre o prazer e o Bem, por ser o caminho natural do ser humano ser feliz e ter prazer. Tomando como referências Kant e o Marquês de Sade, concluiu que o prazer não nos leva necessariamente ao Bem supremo; pode nos conduzir, ao contrário, ao soberano Mal<sup>17</sup>.

Prazer e gozo não são equivalentes, portanto. Tanto é possível gozar com algo prazeroso, como gozar com algo

desprazeroso. Masoquistas e hedonistas só diferem no modo de gozar. O gozo pode ser resultante do desejo pelo proibido, por uma transgressão, pelo rompimento de limites.

Segundo o psicanalista Marcus do Rio Teixeira<sup>18</sup>, o sujeito pode acumular objetos substitutivos na tentativa vã de capturar o desejo. O acesso a esses objetos é condicionado por uma nova forma de gozo, o que implica, para o sujeito, abrir mão das formas anteriores.

Citando Lacan, "O gozo, uma vez que o temos, é preciso gastá-lo, desperdiçá-lo", sinaliza que, em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud já havia antecipado esta idéia ao comentar que, embora o homem lance mão da tecnologia para diminuir distâncias, foi devido a esta mesma tecnologia que a distância entre os seres humanos aumentou. "Se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua cidade natal e eu não precisaria de telefone para ouvir a sua voz."<sup>19</sup>

Tal argumentação ilustra que o avanço da ciência possibilita novos gozos que substituem outros, pois é difícil resistir àqueles propiciados pelas inovações científicas e tecnológicas, sob pena de a pessoa sentir-se marginal.

A toxicomania dos dias atuais, como um dos exemplos máximos da presentificação do objeto propiciador de um gozo portátil, também é invocada por Teixeira. O autor refere-se a Melman, na sua consideração de que a droga representaria o objeto sempre à mão, capaz de garantir o gozo. "Capturado por esse gozo, o toxicômano, é eclipsado enquanto sujeito e, como um consumidor ideal, consome sempre o mesmo produto, em doses crescentes, só parando de consumir ao morrer"<sup>20</sup>.

Tal consideração fortalece a idéia defendida nesse trabalho da existência de relações entre drogas e a comida no que diz respeito à forma de gozar.

## COMIDA: O MAL-ESTAR E O GOZO

Nem sempre a comida dá prazer, nem sempre motiva encontros afetivos. Em várias situações ela abre caminhos para a hostilidade, o mal-estar e o gozo se instalarem.

Por isso merece menção, em se tratando da articulação entre mal-estar da cultura e alimentação, a hostilidade e sentimentos de animosidade que espreitam as refeições em grupo e desmistificam a idéia de que as refeições sempre estreitam laços afetivos.

Segundo Visser,

um modo de entender as maneiras à mesa é reconhecer que são um sistema de tabus civilizados, que entram em funcionamento numa situação carregada de perigo potencial. São planejados para reduzir a tensão e proteger as pessoas umas das outras. [...] o horror do



assassinato ao jantar vem do fato de ser tão fácil de cometer e, por isso, tão inesperado: não é 'socialmente aceito'. Todos os presentes estão armados com facas. Seus dentes, armas humanas, são vistos quando mastigam. À mesa estamos armados, mas ficamos vulneráveis; todos muito próximos uns dos outros. Na celebração do *halloween* encena-se um apaziguamento dos fantasmas como precaução para suas maldades, dando-lhes comida àqueles que os personificam<sup>21</sup>.

Temos na contemporaneidade uma festa repleta de símbolos que exemplifica a comida funcionando como forma de apaziguar figuras hostis. Trata-se do *halloween*, que se tornou tradição nos Estados Unidos e foi espalhada pelos países ocidentais. Crianças vestidas de monstros e fantasmas batem nas portas pedindo gostosuras para não fazerem travessuras<sup>22</sup>.

Uma refeição em família é, em geral, invocada para exemplificar os laços de afeto, reencontro ou união sólida. Para Fisher, no entanto, "comer em família significa, na maioria das vezes, um sacrifício gástrico nervoso, precedido de mágoas e ressentimentos recalçados, e seguido de espasmos psicossomáticos"<sup>23</sup>.

## CINEASTAS SE INSPIRAM

Este tema é freqüentemente focado em filmes. *Festa de família* (*Festen*, Dinamarca, 1998) de Thomas Vinterberg, ilustra na ficção o que é tão freqüente na vida real: a refeição também pode ser momento propício para a explosão de ressentimentos, especialmente quando ocorre após muito tempo de afastamento dos membros de uma família. Em *Tudo aos domingos* (*Soul food*, Estados Unidos, 1997), dirigido por George Tillman Jr., tem como tema a união de uma família através da comida. Em *Vozes Distantes* (*Distant Voices, Still lives*, Inglaterra, 1988) dirigido por Terence Davies é focado o cotidiano deprimente de uma família proletária inglesa nos anos 50, marcada pelo patriarcalismo e uma moral extremamente rígida, revelada em cenas de refeições.

A narrativa de alguns filmes brasileiros, entre eles *Abril Despedaçado* (2001), direção de Walter Salles Jr., é desenvolvida em volta de uma mesa de refeições, na qual, a família reunida, discute e revela seus conflitos.

Sintetizando as situações e referências à culinária utilizadas por Hitchcock em seus filmes, Sérgio Augusto<sup>24</sup> nos mostrou situações em que a comida e os instrumentos a ela relacionados podem ser armas mortais. Em *Cortina Rasgada*,

(*Torn curtain*, Estados Unidos, 1966), o bandido interpretado por Wolfgang Kieling foi nocauteado por um caldeirão de sopa e uma faca de cozinha, sendo atirado em um forno. Café com arsênico foi servido em *Interlúdio* (*Notorious*, Estados Unidos, 1946). Um *ratatouille* foi devorado numa cena de esfaqueamento em *O marido era o culpado* (*Sabotage* Estados Unidos, 1936) Um garfo deu o *insight* crucial a Gregory Peck em *Quando fala o coração*, (*Spellbound*, Estados Unidos 1945). Facas estiveram presentes em *Chantagem e confissão* (*Blackmail*, Estados Unidos, 1929), *O homem que sabia demais*, *Intriga internacional*, *O homem errado* (*The wrong man*, Estados Unidos, 1958) e *Psicose* (*Psycho*, Estados Unidos, 1960).

Comida e assassinato inspiraram outros diretores de cinema. Em *Cogumelos gostosos de morrer* (*Murshrooms*, Austrália, 1995), dirigido por Alan Madden, comédia de humor negro, duas simpáticas velhinhas envenenam com cogumelos e esquartejam cadáveres enquanto batem papo.

Se houve filme que atribuiu poderes mágicos do chocolate, houve também um que inspirou Claude Chabrol a criar uma trama criminosa. Em *A teia de chocolate* (*Merci pour le Chocolat* França, 2000). Xícaras de chocolate envenenado permeiam a história. Em *O último jantar* (*The Last Supper*, Estados Unidos, 1995), dirigido por Stacy Title, estudantes que dividem uma casa envenenam pessoas com idéias radicais, durante os jantares a eles oferecidos.

## REPORTAGENS SOBRE O GOZO PROPICIADO PELA COMIDA

A mídia tem divulgado que o uso das drogas, álcool, fumo, tranqüilizantes, aumentou em todas as idades e classes sociais. E incluímos no rol dos vícios outros comportamentos que também se caracterizam pela dependência física e psíquica: os que fazem sexo, comem, compram, malham, navegam na rede, trabalham de forma compulsiva. O excedente quando transborda, culmina no gozo, termo psicanalítico que define o mais além do prazer ou o prazer mortífero.

O aspecto mortífero do prazer de comer tem na obesidade um dos seus exemplos, se forem levados em consideração os ensinamentos da Medicina moderna. Gula, comportamento compulsivo ou vírus, tendência genética são algumas explicações para o excesso de peso que assombra o mundo contemporâneo.

A obesidade articula o prazer de comer ao gozo. Entrelaça os temas comida, corpo e saúde.

Encontramos várias reportagens sobre o assunto, a maioria repetindo os mesmos preceitos de como evitá-la ou corrigi-la, divulgando o aumento do número de obesos no mundo e no Bra-

sil, e os riscos aos quais estes estariam sujeitos. Percebemos nas reportagens, em geral, alertas mais ou menos assustadores.

## A FALTA

Gasto o pão, resta o nome, som vazio. No estômago, a ordem e o vazio do pão. [...] A ordem e a busca, o chão e as árvores sem frutos. Gasto o pão, resta o nome, som vazio: maçã sem a polpa, sem caroço, na esperança de fruto futuro. (FERNANDO CONI CAMPOS)<sup>25</sup>

Apresentamos, neste capítulo, questões relativas à falta e ao excesso. A falta que pode se traduzir na fome, o excesso que caracteriza a gula.

Fome e apetite diferem, sinalizou o jornalista crítico em gastronomia Steingarten: “Enquanto a fome gera uma sensação desagradável e persistente, sinais do corpo privado de alimento, o apetite implica vontade, ânimo e sensualidade”<sup>26</sup>.

Como expressão característica do instinto de autopreservação, a privação do alimento é um dos fatores primários e mais poderosos de influência no comportamento. “Na realidade, a vida dos primitivos é atingida mais fortemente por ela do que pela sexualidade. Nesse nível, a fome é o alfa e ômega, – a existência em si”<sup>27</sup>.

Como o paladar, a fome ou saciação também podem ser, em alguns casos, condicionada pelas circunstâncias. Existem vários tipos de fome e várias maneiras de matá-la. Existe o grito ou simplesmente o aviso da barriga vazia, o desejo de comer algo que provoca a impressão de falta, e o vazio cultivado e assumido. Existe a fome-desejo, insaciável e irracional, muitas vezes sintoma de distúrbio psíquico. A depender da situação, a sensação de privação pode ser extinta com qualquer comida, com comida especial, com ilusões, pode ser rejeitada por motivos de ordem psíquica ou enganada por medicações.

Imposta pelos cânones da beleza, a fome, por sua vez, é incentivada, falada, festejada, inserida no cotidiano, pela mídia. O assunto tem motivado pesquisas científicas que tentam descobrir porque apetite e saciedade variam tanto e têm tantas peculiaridades<sup>28</sup>.

A fome também pode ser utilizada como protesto. Quando fez greve no Carandiru pela revisão de sua pena no processo do seqüestro do empresário Abílio Diniz, o historiador Raimundo

Rosélio Costa Freire disse que sem o objetivo que o motivava, não teria agüentado. “Na cadeia eu me alimentava de ideologia”, declarou<sup>29</sup>. Chantagem emocional também não é raro em crianças que querem preocupar, ou chamar a atenção dos pais.

A compulsão alimentar, expressa em um desejo incontrolável de comer, nada tem a ver com a fome real e pode ser considerada um vício. Quando se padece de obesidade mórbida, a falta parece maior, e se come demais; na anorexia, a fome é sentida inicialmente, no início, mas depois é negada. E a pessoa perde completamente o apetite.

A história da humanidade é uma sucessão de feitos históricos, e também das conseqüências da fome e da abundância. “A fome não se esgota na saciedade. Nem as tensões que a desencadeiam se resolvem satisfatoriamente no ato de comer”, escreveu Queiroz<sup>30</sup>. Ela está presente nos relatos mitológicos, na literatura e no cinema, de forma metafórica ou não. Na mitologia grega, aparece como o desejo insaciável, simbolizada por *Cronos* que, muitas vezes, tem sido confundido com o Tempo (*Chronos*) devorador da vida. Embora não sejam o mesmo, têm idêntico papel: destruir e tragar, tanto quanto engendrar, suas próprias criações.

Muito se tem escrito sobre este drama que atinge milhares de pessoas em todo o mundo. Os meios de comunicação divulgam estatísticas vergonhosas e também belas produções sobre o assunto. O cinema tem sido uma das formas de, através de histórias baseadas na realidade, ou de alegorias, enfocar uma das grandes fontes de mal-estar.

As duas maiores carências vivenciadas pelo ser humano, a alimentar e a afetiva, inspiraram uma parábola intitulada *O mágico e o delegado* (1983), escrita e filmada pelo cineasta e poeta Fernando Coni Campos. Em uma cidadezinha do interior baiano, um mágico e sua assistente conseguem fazer com que o povo experimente a fartura através de truques que deixam no ar a confusão da fantasia com a realidade. O delegado local não suporta a liderança do milagreiro nem a subversão ocorrida no lugar e o prende. Mas a prisão não basta para eliminar o desejo nem o sonho.

Na ocasião do lançamento, o autor afirmou em entrevista ao jornal *A Tarde*, concedida em 7 de outubro de 1983:

Se você me perguntar o motivo mais consciente na elaboração do roteiro deste filme, eu diria que foi colocar a maneira mágica que, no Brasil, se procura administrar os problemas reais, a cozinha dos sonhos. Estávamos vivendo o fim de um momento espantoso. Éra-

mos obrigados, pela crise do petróleo, a ver a realidade escondida pela propaganda oficial, que criara um paraíso artificial nos trópicos, o fabuloso Patropi, abençoado por Deus e pela Natureza, que beleza! Era o chamado “Milagre Brasileiro”, que existiu ao lado da mais negra repressão que este país já conheceu. Acabou-se a mágica besta do governo, e, agora, era o povo que tinha que se transformar em mágico para conseguir sobreviver nos novos tempos de crise e de recessão.

A história contada em *Em busca do ouro (The Gold Rush, Estados Unidos, 1925)*, dirigido e protagonizado por Charles Chaplin, se desenrola no Alasca, onde Carlitos tenta a sorte como garimpeiro durante a corrida do ouro de 1898. O filme é marcado por cenas antológicas, como a dança dos pãezinhos, ou a que mostra o devaneio do aventureiro Big Jim: desvairado pela fome, enxerga o amigo metamorfoseado em um frango. A mais famosa é a do cozido das botinas. Com jeito de *gourmet*, Carlitos transforma os cordões em um espaguete, das solas faz um fino e saboroso pássaro de caça e dos pregos seus ossinhos.



## REPORTAGENS SOBRE A FOME OPTADA: DIETAS PARA EMAGRECER

Reportagens sobre dietas são recorrentes nas revistas informativas.

*Sugar Buster*, Dieta do Dr. Atkins, Dieta dos Ancestrais, Dieta Molecular, Dieta das 12 semanas, Dieta da idade verdadeira, todas têm sido exaustivamente enfocadas

Em 1999, o Brasil foi apontado como o quarto país no ranking de consumo per capita de anorexígenos, remédios que inibem o apetite<sup>31</sup>, o que evidencia a preocupação com a magreza.

Diversas matérias não se limitaram a dar informações sobre o que se deve e o que não se deve comer em cada regime alimentar. Médicos e nutricionistas são entrevistados, assumindo, ao invés do repórter, a responsabilidade de uma avaliação favorável ou desmistificadora.

Exemplos de famosos que tiveram sucesso ao seguir x ou y dieta, por sua vez, criam condições estimuladoras de identificação para os que desejam emagrecer.

Na virada do milênio, a preocupação com dietas de emagrecimento já podia ser observada em crianças. Segundo pesquisa do endocrinologista americano Leann Birch, meninas de 5 anos já se angustiam com o peso e querem perdê-los. “Nem elas escapam da pressão social, que privilegia a magreza. Boa parte, aliás, diz que é a mãe que insiste nisso”, declarou o médico à reportagem. Vale ressaltar que muitas mães são responsáveis pela ansiedade de engordar, não só dando exemplos, mas cobrando uma bela aparência da filha <sup>32</sup>.

Da mesma forma que algumas matérias podem ser interpretadas como propaganda a certas dietas, em outras, desmistificações são feitas através de entrevistas de autoridades no assunto.

## O EXCESSO

Tudo o que é demais é sobra. (ditado popular)

Considerando que o avesso da falta é o excesso, o avesso da fome é o empanturramento.

O prazer de comer traz à tona a questão o excesso, manifesto pela gula que ameaça a saúde, e, mais uma vez, o exemplo da co-existência do prazer e do desprazer. Freyre (1997) já havia focalizado sua atenção nesse paradoxo que o intrigara:

Não haverá, da parte de certos apreciadores de “doços ácidos”, certo masoquismo do paladar? Não será, para eles, o doce, simples pretexto para sofrerem o “delicioso pungir do acerbo espinho” que seria, no caso, a acidez, o gosto acre, o sabor azedo do tamarindo ou da groselha com aparência de “doce”?<sup>33</sup>

A gula traduz-se pela ingestão demasiada da comida e da bebida, o apego excessivo a boas iguarias<sup>34</sup>. Exaltando as características apolíneas da abstinência e da temperança, a moral judaico-cristã enquadrou a gula, assim como a luxúria, definida pelo descomedimento de sensualidade<sup>35</sup>, entre os sete pecados capitais catalogados durante a Idade Média, com o objetivo de nomear vícios ou faltas graves. O pecado é uma noção que exprime o erro de transgredir. Santo Agostinho teria dito que “o pecado é o excesso do bom”<sup>36</sup> demonstrando, com essa frase, admitir uma vinculação entre a idéia de pecado e a de excedente. Embora não se fale tanto em pecado nos dias de hoje, as desordens e exageros de certos comportamentos, sintomas do mal-estar contemporâneo, estão sendo continuamente associados à transgressão. Quem se excede na comida, transgride as leis da qualidade de vida e da estética.

Segundo Tomás de Aquino, o nome ‘pecado capital’ deriva-se de *caput*: cabeça, líder, chefe. Nesse sentido, os vícios capitais são sete vícios especiais, que gozam de uma especial ‘liderança’ (Nos dois sentidos da palavra: líder – o primeiro lugar; e líder – aquele que dirige, *leader*). A questão 14 do *De Malo* contempla a gula, vício que, como os demais, é a desordem de um desejo natural, no caso, o de comer e beber<sup>37</sup>.

Expressando-se pelo excesso da comida e da bebida, a gula é enquadrada no rol dos pecados por exprimir o erro de transgredir. Como o desejo, está sujeito à Lei que convida à trans-

gressão. “Somos punidos através do que desejamos” é uma citação atribuída a Gabrielle Ray<sup>38</sup>.

O pecado da gula foi proscrito pelas mais variadas tradições culturais, cristãs ou não. Sócrates dizia que os maus vivem para comer, enquanto as boas almas comem para viver. Na Grécia antiga, a gula estava associada às volúpias da alcova, e a total satisfação das necessidades nos dois campos era considerada impeditiva do acesso à suprema virtude do exercício do equilíbrio. A mesma idéia vem refletida na dicotomia cristã entre corpo e alma. São Jerônimo e outros padres da Igreja apontavam a gula como a porta de entrada para a luxúria. Para Plutarco, é a “forja dos vícios”. Paluto a considerou geradora da discórdia; Boécio, a mãe da ignorância; Sófocles, a inimiga da castidade. Sêneca, a fonte de todos os males.

“Foi a gula que roubou a inocência de Adão, e privou Eva do paraíso, que tirou a vitória a Holofernes, o respeito a Noé, a Esaú o direito de primogenitura e aos israelitas a ansiada vida na Terra Prometida”, escreveu Pasini<sup>39</sup>.

Segundo nos conta Pinheiro Machado, em seu livro *Copos de Cristal* (1994), na Europa medieval a gula era tratada como um vício e os que valorizavam a boa mesa eram desprezados e humilhados. Em vários países, a imagem do gastrônomo era o “de um gorducho debochado, sentado sozinho numa mesa, em meio a uma montanha de comida e uma floresta de garrafas”<sup>40</sup>. Mas nunca a gula foi tão condenada e amaldiçoada quanto nos dias de hoje. Médicos, nutricionistas substituíram os padres na vociferação contra o pecado capital e a favor da virtude da temperança.

Além de contribuírem para a obesidade e deformação do corpo, os excessos alimentares favorecem doenças e ameaçam a vida. “O glutão gasta o natural calor, entorpece os membros, engrossa os humores, embota os pulsos, acaba o alento e busca a morte”<sup>41</sup>. O que nos dá prazer contribui para nos matar<sup>42</sup>. E é essa concepção de um prazer que ameaça a vida que enquadra o excesso alimentar na categoria do gozo.

O conceito de gozo poderá trazer algumas elucidações para a busca de situações perigosas relativas à alimentação, como o já mencionado ato compulsivo de comer, ou para a satisfação da oralidade mediante alimentos condenados pela Medicina. Não é pequeno o número de pessoas que, mesmo informadas das conseqüências negativas de tais alimentos, não renunciam a eles. Podendo ser considerada um prazer mortífero, a gula pode ser um tipo de gozo.

Na articulação entre o gozo e a gula, o psicanalista Mário Nascimento chamou a atenção para o enodamento do Real,

Simbólico e Imaginário, e para os seis paradigmas extraídos do ensino de Lacan, a saber: o gozo imaginário, o gozo simbólico, o gozo real, o gozo fragmentado, o gozo discursivo e o gozo referente ao axioma “não há relação sexual”.

Embora advertidos da artificialidade desta partição, pois há um franqueamento entre eles, ela é indispensável para o entendimento da última clínica no ensino de Lacan, a clínica orientada para o real do gozo sobre o sentido. Para falar da gula, vale salientar o 5º paradigma, o gozo discursivo, no qual Lacan afirmou que o discurso é gozo, e questionou a autonomia do discurso, privilegiando o real do gozo sobre o sentido.

A gula é gozo. O discurso é gozo. Ouso dizer que o Discurso do Capitalista<sup>43</sup> direciona ao gozo do ter, do usufruir sem limites de posse, do domínio, do quanto mais melhor, em oposição ao Discurso do Analista cuja direção é a do desejo, do saber ser e saber fazer, essencialmente Ética. O Discurso do Capitalista, portanto, ao enfrentar a falta constitutiva do falasser (neologismo criado por Lacan para exprimir a presença do corpo vivo, sexuado, que é falado e que fala) busca tamponar esta falta com as migalhas de gozo proporcionadas pelos pequenos objetos (a) os gadgets produzidos pela ciência tecnológica. Há o Discurso do Capitalista e há algo próprio do falasser que o leva ao gozo específico da gula, ligado à pulsão oral e à pulsão escópica. Não havendo mediação do inconsciente e da fantasia, o falasser fica prisioneiro do Discurso Capitalista. É importante acrescentar que o acesso do ser falante a qualquer objeto, ao corpo próprio, ao inconsciente, à pulsão, ao sintoma, ao gozo, tem sempre a mediação da representação (imaginário e simbólico) daí a importância da mídia enquanto produção e efeito de gozo<sup>44</sup>.

Considerada um excesso, compulsão além das necessidades e dos desejos, obsessão conduzida por uma força incontrolável, a gula também poderia ser relacionada a outros comportamentos que não impliquem apenas comida: a avidez sem controle, por sexo, jogos, compras, relacionamentos e tudo o que proporcione prazer imediato. Por isso no mundo dos negócios a gula tem sido um fenômeno em ascensão. “No setor financeiro, em 1997, ocorreram mais de 2 mil fusões e aquisições, em negócios que somaram 200 bilhões de dólares”. Em uma das seqüências do filme inglês, intitulado *O Sentido da Vida* (dirigido por Terry Jones, 1983), um homem obeso está sentado à mesa de um elegante restaurante.

Compulsivamente devora tudo o que lhe passa pela frente. Garçons lhe servem dezenas de especiarias, sumariamente abocanhadas. [...] O desfecho ocorre por obra de uma inocente azeitona. Ao ingeri-la, o paquidêmico personagem explode, espalhando suas entranhas por todos os cantos do restaurante<sup>45</sup>

Dois pontos merecem ainda ser destacados ao abordarmos a questão dos excessos. O primeiro refere-se à sua estimulação, como sinalizou a atriz e professora da UFJF, Márcia Falabela<sup>46</sup>.



Na sua opinião, os pecados capitais são incitados pela mídia que mantém o círculo vicioso do consumo. A exploração do corpo com o mercado de modelos, academias de ginástica, novelas, revistas eróticas, programas televisivos como o da 'tiazinha', contribuiriam para estimular os abusos.

O outro ponto diz respeito à censura e patrulha aos desmedimentos que ameaçam a boa forma e a saúde perfeita. E, nesse caso, é interessante observar que também existem exageros nesta patrulha. Em suma, transgride-se, peca-se, excede-se não apenas quando se come além da necessidade, mas também quando se vai além do limite impostos pela ditadura da dieta, como tivemos oportunidade de exemplificar em outro momento deste trabalho, quando nos referimos aos *overtrainers*.

Tais observações sugerem estar havendo uma reedição das restrições ao prazer sensual e aos prazeres da carne feitas no passado.

Tanto a gula como o desejo sensual têm uma tradição de condenação e, portanto, foram sujeitos à punição. O escritor Pascal Bruckner e os psicanalistas Fábio Herrman e Marion Minerbo coincidiram em suas opiniões sobre autopunições contemporâneas, em geral resultantes da culpa pela experiência do prazer proibido. O primeiro afirmou, em entrevista à revista *Época*, que “queremos fazer nossa felicidade como os penitentes de outros tempos se flagelavam. Nós nos penitenciamos nas academias de ginástica, no espaço permanente para emagrecer, nos regimes, na obrigação de ter orgasmo”<sup>47</sup>. Os psicanalistas acima mencionados se referiram ao pecado de quebrar uma dieta, na angústia experimentada pelos gordos ao comer, e a comportamentos e preferências semelhantes aos pregados pela religião para desculpabilizar: arrependimento seguido da ida ao confessionário (confissão ao endocrinologista); penitência (supressão de lipídios, doces e carboidratos) a depender do pecado venial ou mortal (baseados estes nos mandamentos expressos em tabelas de calorias) e expiação através de exercícios físicos e jejum<sup>48</sup>. Bruckner comparou as salas de ginástica às salas de tortura medieval, dizendo que carregamos a Inquisição conosco, e que continuamos no universo da mutilação.

[...] e vamos ter que te enterrar[...] e então os vermes virão te comer por inteiro[...] e então os patos virão e comerão todos os vermes [...] e então nós vamos comer todos os patos[...] e então acabaremos comendo até você [...]⁴⁹.

O canibalismo, surpreendentemente ainda encontrado hoje, em sociedades avançadas, é um outro aspecto digno de menção, por ser vinculado ao excesso.

Em tempos recentes, o *serial killer* Jeffrey Dahmer disse que comia suas vítimas para poder saciar seu desejo de exercer completo controle sobre elas.

Segundo James Frazer, (1957) “alguns índios brasileiros não comem animais selvagens, aves ou peixes que corram voem ou nadem devagar pois se ingerirem essa carne perdem sua agilidade e tornam-se incapazes de escapar de seus inimigos”⁵⁰. Luis Fernando Veríssimo chama atenção para um fato corriqueiro.

Nosso passado de canibais nos persegue. Aquela senhora que reage à rechonchudices de um bebê, dizendo que ele é tão lindo que dá vontade de comer, só está expressando esta verdade atávica que tudo que nos agrada é apetitoso, que no fim todo desejo é uma vontade de comer⁵¹.

A fase oral da sexualidade deixa marcas permanentes. É comum as pessoas falarem, por exemplo, num objeto de amor ‘apetitoso’, bem como descrever outras pessoas de que gostam como ‘doces’. (Um ‘doce de criatura’). Comer/devorar traduz o amor ambivalente onde coexiste amor e ódio. Lembramos ainda que, em psicanálise, a identificação foi teorizada a partir do mito do pai primevo, devorado pelos filhos.

Lévi-Strauss identificou uma origem comum nos tabus do canibalismo e no incesto: na tradição dionisíaca, a festa une inextricavelmente sexo e comida. Já na Eucaristia, surge apenas a representação simbólica do pão e do vinho, sendo o sexo banido da cerimônia⁵². O antropólogo salientou a existência de uma relação direta entre as regras do casamento e as proibições alimentares de que deriva a analogia entre comer e fazer amor. Aí estaria também a explicação para a frequência com que recorremos a metáforas culinárias quando falamos de sexo e para a frequência que, nessa metáfora, o macho ocupa o lugar de quem come e a fêmea o lugar de quem é comida. A evolução

canibalesca que subjaz à corriqueira expressão ‘vou te comer’ revela a necessidade arcaica de fusão no outro<sup>53</sup>.

Comer é uma forma extrema de possuir o que queremos, seja o fígado ou a coragem do inimigo, o sangue redentor do deus ou a carne da pessoa amada. Fazemos tudo isso no sentido figurado porque, afinal, civilização é isso, é a domesticação dos nossos apetites, mas na nossa linguagem ainda somos predadores e comemos todas as nossas presas<sup>54</sup>.

A fantasia de que comendo adquirimos as características de nosso alimento é praticamente universal<sup>55</sup>. Como salientou Bettelheim, a teia afetiva do conto baseia-se na oralidade primitiva da criança que aplica em toda as relações humanas o único modelo de inter-relacionamento que conhece: o da alimentação. Na infância, a boca não é só passagem de alimentos, por ela também passam os afetos fundamentais<sup>56</sup>. Em *Chapeuzinho vermelho*, tudo começa e acaba em referências à comida. A menina leva alimentos à avó e esta é devorada pelo lobo<sup>57</sup>. Vale sinalizar que a palavra ‘digerir’ vem do latim *digerere*, que significa repartir aquilo que deixa de existir.

Nos anos 90, as películas sobre antropofagia aumentaram as bilheterias, estimulando teorizações sobre a identificação com o sadismo alimentar. Citaremos algumas delas, por considerarmos que a recorrência da temática aponta para novas formas de gozo transmitidas pela mídia, relativas à alimentação que contribuem para desmascarar traços perversos do ser falante e, de certa forma, banalizam comportamentos que vão de encontro à cultura humana.

Em artigo publicado no suplemento *Mais!* da *Folha de S. Paulo*, Peter Burke referiu-se a um tipo de oralidade que nada tem a ver com a ingestão de alimentos. Trata-se de uma outra forma de obter prazer oral, o da fala. Escolas e universidades, assim como o mundo do aprendizado em geral – institutos de pesquisa, grupos de estudo, conferências acadêmicas –, são lugares onde se verifica uma intensa oralidade, representada nos debates, palestras, seminários, conversas durante o cafezinho ou o almoço, encontros nos corredores<sup>58</sup>. No entanto, quando a palavra é levada ao extremo, remete à antropofagia. Ritualizada entre alguns povos ditos primitivos, apóia-se na possibilidade de transmitir, pela ingestão, o valor simbólico da matéria morta cozida<sup>59</sup>.

Alguns cineastas, entre eles Hitchcock, apresentaram a alimentação como algo digno de filmes de terror. Mas o filme *O Cozinheiro, o ladrão, sua mulher e seu amante* (*The Cook, the Thief, His Wife and Her Lover*, Inglaterra, 1989) foi além. É um festim canibalesco e escatológico, e também um estudo sobre a mesa, suas maneiras, suas interdições e seus excessos<sup>60</sup>. A concepção geral do canibalismo como metáfora está, para o cineasta Peter Greenaway, fortemente associada a uma espécie de previsão: quando tivermos comido tudo que existe no mundo – ou seja, quando tivermos explorado tudo e colocado tudo na boca, terminaremos comendo-nos uns aos outros. Em entrevista concedida a Schuler e Lehmann, colaboradores da revista *Sexta-feira*<sup>61</sup>, Greenway citou a última ceia de Cristo, que dissera: “Este é o meu corpo que será entregue por vós. Tomai-o em comemoração minha”. O cineasta defendeu que tanto o capitalismo como o catolicismo “giram em torno do canibalismo como metáfora e da noção de comer um eu físico”. No sistema capitalista, o canibalismo apareceria primeiro metaforicamente, e depois literalmente.

O citado filme sugere uma crítica à política neoliberal inglesa baseada na avidez e desastrosa em relação aos interesses da comunidade. Formas extremas de exploração seriam comparáveis ao canibalismo. Destaca dois grandes prazeres humanos: o prazer de comer e o prazer sexual. Sensações prazerosas e desprazerosas, proporcionadas pelo paladar, foram abordadas diretamente ou por metáforas. Em algumas cenas, a cozinha serve de cenário de relações sexuais entre os amantes rodeados de temperos e facas. Mas há também sinalizações para as associações entre corpo e comida, comida e morte, em que *nonsense* e humor negro se misturam. Além de associar comida e sexualidade, o diretor denunciou ironicamente o ‘novo-riquismo’, ao enfatizar a ignorância do milionário proprietário do estabelecimento que não gostava nem sabia pronunciar o nome dos pratos que comia<sup>62</sup>.

Outro filme que abordou a questão do canibalismo como metáfora foi *Delicatessen* (*Delicatessen*, França, 1990), dirigido por Jean-Pierre Jeunet e Marc Caro. Podemos citar ainda *Tomates verdes fritos* (*Fried Green Tomatoes at the Whistle Stop Café*, Estados Unidos, 1991), dirigido por Jon Avnet, *O silêncio dos inocentes* (*The silence of the lambs*, Estados Unidos, 1991),

dirigido por Jonathan Demme. Dizem que teria sido o modelo para o personagem Hannibal Lecter, um personagem real, Albert Fish, o Vampiro do Brooklin. Considerado um dos mais cruéis, em sua confissão descreveu como sublime o sabor de nádegas infantis fritas<sup>63</sup>. A continuação do filme, intitulada *Hannibal*, foi lançada dez anos depois, em 2001. *De repente, no último verão* (*Suddenly, last summer*, Estados Unidos, 1957), dirigido por Joseph Mankiewicz, baseado em obra de Tennessee Williams, apresentou, de forma velada, temas em que mal se ousava abordar nos anos 50, como homossexualismo, doenças mentais, lobotomia, incesto e canibalismo. *Os sobreviventes* (*Los sobrevivientes*, Cuba, 1978), de Tomás Gutiérrez Alea, conhecido por Titon, *Trouble Every Day*, dirigido por Claire Denis, (França, 2001) abordou o relacionamento de um casal que desejava devorar alguém após o sexo. A obra sugere que o amor não é nada mais do que um ato de “autocanibalismo”<sup>64</sup>. E ainda merecem citação *Pocilga* (*Porcile*, Itália, 1969) de Pier Paolo Pasolini, *O Massacre da Serra Elétrica* (*The Texas Chainsaw Massacre*, Estados Unidos, 1974), de Tobe Hooper, história de uma família de loucos, no interior do Texas, que tortura, corta, mutila, mata e come pedaços das suas vítimas e *A Carne* (*La Carne*, Itália, 1991), de Marco Ferreri, em que um amante congela o cadáver de sua amada, mulher fornida de carnes, para devorá-lo aos poucos.

No cinema brasileiro destacam-se *Como Era Gostoso o Meu Francês* (1971), de Nelson Pereira dos Santos, e *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade (1969). Pereira dos Santos, que assumiu a idéia da antropofagia cultural propagada por Oswald de Andrade, no Manifesto Modernista de 1922. *Macunaíma*, (Brasil, 1969), baseado no livro homônimo de Mário de Andrade, remete o espectador a uma sociedade cujas relações são definidas por canibalescas. Segundo Lucas Martins: “As relações de trabalho, as relações entre as pessoas, as relações sociais, políticas e econômicas são ainda uma relação basicamente antropofágica. Quem pode come o outro”<sup>65</sup>. O filme metaforiza um país que devora seus habitantes.

Em *Os sobreviventes* (*Los sobrevivientes*, Cuba, 1978), Tomás Gutiérrez Alea conta a história de uma família da burguesia cubana que, logo após a revolução, se isola em sua mansão em Havana. Os personagens, enchem a despensa com alimentos e se preparam para ficarem fechados indefinidamente. Algum tempo depois, recebem dos parentes que fugiram para Miami um envelope de sopa em pó e uma carta. O apetite e a curiosidade os leva a não adiar o preparo da iguaria americana. Durante o

almoço, depois de terem acabado a sopa, lêem a carta, tomando conhecimento de que o envelope continha as cinzas da avó, que pedira para voltar cremada para sua terra natal. A cena final do filme retoma a mesa de refeições guarnecida com tudo o que restara dos tempos de opulência. Vestidos a rigor, os membros da família que não morreram degustam a carne da tia, fulminada e ‘cozinhada’, na véspera, por um raio.



## REPORTAGENS QUE ABORDARAM A QUESTÃO DA OBESIDADE

A revista *VEJA* noticiou que a obesidade, considerada doença grave, estava afetando milhões de brasileiros e não pára de crescer.<sup>66</sup> Muitas páginas têm sido dedicadas ao aumento de peso registrado no Brasil durante os últimos 20 anos, número que tende a aumentar com a multiplicação dos *fast-foods*<sup>67</sup>.

No Brasil estimou-se que 33% da população estivesse acima do peso e que, pelo menos 10% , seria obesa. “O brasileiro consome atualmente mais comida industrializada, congelada, doces, laticínios e gorduras do que em qualquer outro período de sua história”<sup>68</sup>.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos confirmou o preconceito contra obesos, que ganham menos e penam para arrumar emprego. “O obeso é visto como alguém lento e não sadio, por mais que isso não seja verdade”, afirmou o *headhunter* Marcelo Mariaca, acostumado a selecionar executivos sob encomenda de grandes corporações<sup>69</sup>.

Os leitores têm sido alertados sobre os danos que pode causar o excesso de gordura, que aumentou enormemente nos últimos anos<sup>70</sup>. Estudos confirmam que o excesso de gordura é diretamente responsável por 30% das mortes de pessoas com menos de 45 anos. E que nos Estados Unidos, onde a obesidade atingiu níveis epidêmicos, o problema virou um assunto de saúde pública<sup>71</sup>.

Considerada uma tendência mundial, a pesquisa sobre os hábitos alimentares de crianças e adolescentes de onze países industrializados, entre os quais o Brasil, confirmavam que a obsessão pelo corpo perfeito não era exclusiva de adultos<sup>72</sup>.

Meninas de 5 anos já se angustiam com o peso e querem perdê-los. “Nem elas escapam da pressão social, que privilegia a magreza”, declarou um médico entrevistado, ressaltando ser “a mãe que insiste nisso”, e que muitas delas são responsáveis pela ansiedade de engordar, não só dando exemplos, mas cobrando uma bela aparência das filhas<sup>73</sup>.

Crianças que passavam o dia inteiro diante da televisão enquanto se entupiam de guloseimas tendiam a ser adultos sedentários e obesos, tendo maior probabilidade de serem vitimadas por doenças graves antes que chegassem à terceira idade<sup>74</sup>.

Até que ponto os hábitos alimentares dos pais interferem na dieta dos filhos? Segundo especialistas da área de nutrição, a influência dos pais sobre os hábitos alimentares das crianças é tão grande quanto sua interferência na formação do caráter de-

las. O assunto ganha relevância num momento em que o número de crianças com o problema de anorexia começa a preocupar<sup>75</sup>.

Segundo avaliação do endocrinologista Walmir Coutinho, há três ou quatro décadas, as atividades cotidianas já eram exercícios. Hoje em dia não é preciso se locomover para atender ao telefone ou mudar o canal da televisão. A direção hidráulica do carro, a escada rolante e o elevador também diminuem os esforços corporais<sup>76</sup>.

Constatou-se que era mais fácil abandonar o cigarro do que sanduíches, doces e refrigerantes em um país onde há 498 pizzarias, e sentados numa poltrona, os americanos ligam e desligam quase todos os aparelhos elétricos, compram por catálogo e pela internet, fazem tudo de carros que possuem câmbio, vidros automáticos e direção hidráulica<sup>77</sup>.

O problema da obesidade não é tão simples de ser resolvido. A maioria dos obesos “adoram, amam e veneram os alimentos. Com a operação de redução do estômago, eles têm de dizer adeus definitivamente ao prazer da comilança. [...] Ai de quem não comer pouco e devagar — será inevitavelmente acometido de crises de vômito. O mal-estar que desanima o comilão, nesse caso, pode ser comparado ao que sofre o usuário de Xenical, que provoca diarreias incontroláveis quando se abusa das gorduras”. Assim como a medicação que obriga as pessoas a controlar a compulsão de comer, com a citada operação, acontece algo bem parecido<sup>78</sup>.

Uma entrevista com a escritora americana Marilyn Wann levou aos leitores opiniões que iam de encontro aos dogmas sobre corpo ideal. Pesando 120 quilos, se considerava sexy e ou-sava usar biquíni. Sua militância relativa à aceitação dos gordos começou depois de ter sido rejeitada pelo namorado e por uma companhia de seguros que se recusara a aceitá-la como associada. Criou, então, um jornal alternativo batizado como *Fat!So?*, um trocadilho com a palavra *fatso*, “gorducho” em inglês. Na entrevista, denunciou o interesse dos laboratórios farmacêuticos que ganham milhões de dólares com qualquer comprimido que criam, mesmo que o medicamento não faça efeitos e não seja seguro. Comparou os gordos aos negros e gays, vítimas também de opressão e de discursos sobre sua inadequação ou inferioridade. Argumentou que, se o governo considera que 97 milhões de americanos estão “acima do peso”, os gordos são maioria e podem se rebelar. Marilyn defende ser possível conciliar gordura e saúde. “Freqüentemente, os gordos adoecem não por causa da gordura, mas sim pelo *stress*, pela opressão a que são submetidos”.